

P.P.S

Lisboa, 14 de Agosto de 1979



Senhora Engenheira,

Nova desistência e, agora, um post post scriptum com mais uma pequena observação.

No seu curto (? pode ser longo) "reinado", não esqueça de mexer no problema da habitação, melhor dito, das rendas de casa, para restringir.

Não sei se conhece, mas é possível que não tenha tido oportunidade de ver de perto, a agonia dos que precisam duma casa que não lhes custa menos do que o total do ordenado e o horror das agências intermediárias que cobram enormidades por uma chave e muito dinheiro pela inscrição e a promessa duma casa que sabem não poder dar. É a imoralidade e a exploração organizadas e legalizadas, ou, pelo menos, aceites como legais. O circuito é de tal ordem fechado, que mesmo conscientes disso, as vítimas se entregam às sanguessugas.

E eu que conheço um pouco o meio rural, digo-lhe que é muito mais angustiante a falta de casa na cidade do que a falta de conforto numa casa de aldeia. Mas toda a gente verte lágrimas pelas condições sub-humanas de certas habitações rurais. Não serão muito mais sub-humanas nas cidades?

Oh, portanto, destrua a macrocefalia de Lisboa! A uma ignorante como eu parece quase tão fácil!

Desculpe esta escrita má e apressada. Escrevo-lhe no emprego onde há muito que fazer e, além disso, sou uma péssima dactilógrafa.

Não queria roubar tempo a si, ou colaboradores que tenham de abrir a correspondência, mas não destruí o que que lhe fui escrevendo e, hoje, não resisto a enviar.

Se o tempo não fosse tão limitativo do desejo das pessoas, que bom era poder dizer coisas e esperar que fossem lidas!

Com os melhores cumprimentos, os votos sinceros de

UMA MULHER PORTUGUESA